

REVISTA DA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

SITIENTIBUS

ESTUDOS LINGUÍSTICOS E FILOLÓGICOS

ARTIGO

A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM LIVROS DIDÁTICOS DE PORTUGUÊS DE ENSINO MÉDIO: UM ESTUDO (SÓCIO)LINGUÍSTICO*LINGUISTIC VARIATION IN HIGH SCHOOL PORTUGUESE TEXTBOOKS: A (SOCIO) LINGUISTIC STUDY*

BÁRBARA CAROLINA VANDERLEY BOAVENTURA

Mestre em Linguística pela Universidade de Brasília. Professora de Português do Distrito Federal. E-mail: barbara.boaventura@se.df.gov.br

RESUMO

O presente artigo apresenta um estudo sobre o ensino de língua portuguesa, sob o olhar da Linguística e da Sociolinguística, a partir da análise de cinco livros didáticos aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático e utilizados no ensino médio brasileiro. Inicialmente, partiu-se para a pesquisa bibliográfica, caminho de vários percalços e personagens, que permitiu – por meio de um roteiro de questões utilizado para a coleta de dados – analisar a abordagem que a variação linguística (VL) e temas correlacionados recebem em livros didáticos. Para tanto, analisou-se cinco títulos, estudados e comparados sob o olhar da sociolinguística educacional com o objetivo de identificar os avanços dessa área na elaboração de tais obras. Por meio dos livros didáticos, foi possível coletar dados e fazer observações sobre o tratamento da variação linguística para, então, pensar possíveis caminhos para uma pedagogia atualizada e culturalmente sensível ao ensino de língua portuguesa. Os objetivos alcançados apresentados nesta comunicação comprovam que esta pesquisa não se encerra nela mesmo, uma vez que os estudos sociolinguísticos possibilitam novos percursos, com novos percalços, permitindo transformações para e no ensino de língua materna, a fim de construir uma nova pedagogia nas salas de aula de língua portuguesa.

Palavras-chave: Variação Linguística. Livro didático. Ensino de língua portuguesa. Ensino Médio. Sociolinguística educacional.

ABSTRACT

This article presents a study of Portuguese language teaching from the perspective of linguistics and sociolinguistics, based on an analysis of five textbooks approved by the National Textbook Program and used in Brazilian secondary schools. Initially, we embarked on bibliographical research, a path of various mishaps and characters, which allowed us – through a script of questions used for data collection – to analyze the approach that linguistic variation (VL) and related themes receive in textbooks. To this end, five titles were analyzed, studied and compared from the perspective of educational sociolinguistics in order to identify the advances made in this area in the development of these books. Through the textbooks, it was possible to collect data and make observations about the treatment of linguistic variation in order to think about possible paths towards an up-to-date and culturally sensitive pedagogy for Portuguese language teaching. The achieved objectives presented in this communication prove that this research is not the end of itself, since sociolinguistic studies make new paths possible, with new setbacks, allowing transformations for and in mother tongue teaching, in order to build a new pedagogy in Portuguese language classrooms.

Keywords: Linguistic variation. Textbooks. Portuguese language teaching. High school. Educational sociolinguistics.



1 Introdução

Ao se refletir sobre o ensino de língua portuguesa no Brasil, diversas são as realidades e problemáticas relacionadas ao tema. A *Variação Linguística* (VL) é compreendida a partir das variadas e complexas relações socioculturais, históricas e geográficas que uma língua materna estabelece com a comunidade linguística na qual está inserida.

Assim, estudar a variação linguística significa compreender que as línguas naturais variam, em menor ou maior grau, e por motivações distintas. Esse caráter da variação promove traços de não uniformidade no funcionamento das línguas – apesar de muitos usuários da língua terem a percepção de que as línguas são homogêneas, e portanto, não sofrem variação, o que linguisticamente falando, não é verídico, uma vez que a história das línguas – olhar diacrônico, ao longo do tempo – e a realidade sincrônica delas mostram um comportamento de variação e mudança, conforme os vários estudos sociolinguísticos mostram. Há, porém, um mito de que os falantes de uma mesma língua falam da mesma maneira (ou deveriam falar), como Lyons, em sua obra *Língua(gem) e linguística* já apontava: “[...] chamarei de ficção da homogeneidade: a crença ou pressuposição de que todos os membros de uma mesma comunidade linguística falam exatamente a mesma língua.” (Lyons, 1981, p. 17).

No entanto, antes mesmo dos estudos sociolinguísticos, Mattoso Câmara e Roma Jakobson já apontavam para o caráter variável das línguas. Mattoso (2018), importante nome na linguística brasileira, já declarava a variabilidade das línguas: “Um dos percalços mais sérios com que se tem defrontado a gramática descritiva, desde a Antiguidade Clássica, é o fato da enorme variabilidade da língua no seu uso num momento dado.” Com o advento dos estudos sociolinguísticos, sobretudo a partir dos estudos pioneiros de William Labov, a variação tornou-se um dos objetos centrais dos estudos sociolinguísticos, sendo o pressuposto da heterogeneidade linguística fundamental para tais discussões. Ele apregoa que as línguas têm caráter mutável, flexível e dinâmico, e que apresentam variedades linguísticas de uma mesma língua. Nas palavras de Cecilio e Matos (2009):

[...] a heterogeneidade linguística em um país como o Brasil é um fato natural e inevitável, pois faz parte da natureza da linguagem e é resultado da diversidade de grupos sociais e da relação que tais grupos mantêm com as normas linguísticas (Cecilio; Matos, 2009, p. 2051).

Considerando, portanto, a heterogeneidade linguística, a VL é um fenômeno transversal que perpassa as línguas naturais, e no caso da língua portuguesa falada no Brasil também não é diferente. O Português Brasileiro (PB), como também é conhecido, assim como outras línguas naturais,

apresenta VL motivada por diferentes fatores. Eles podem ser de natureza linguística – aspectos fonéticos/fonológicos, lexicais ou morfosintáticos – ou ainda de natureza extralinguística – aspectos sociais, culturais, etários, profissionais, históricos, geográficos, entre outros. Segundo Boaventura (2023, p. 69):

os estudos linguísticos demonstram que as línguas naturais variam ao longo do tempo e também de acordo com o espaço, além de vários outros aspectos extralinguísticos, como a idade do falante, sua profissão, sua origem socioeconômica, seu nível de escolaridade, entre outros. Assim sendo, uma mesma língua, não é falada da mesma forma por seus usuários [...]

Partindo dos dois pressupostos apresentados, de que a heterogeneidade linguística perpassa todas as línguas naturais e consequentemente, a VL é fenômeno inerente às línguas, o ensino de língua portuguesa não pode estar indiferente a essa realidade sociolinguística, posto que tais fenômenos afetam diretamente o contexto escolar, sobretudo o trabalho desenvolvido pelo docente de português.

Além disso, é necessário pontuar também a relevância e a relação existente entre esses pressupostos linguísticos e o processo de letramento dos estudantes, posto que a prática do letramento perpassa o desenvolvimento de competências linguísticas tanto na modalidade oral quanto na escrita da língua portuguesa. Assim, é fundamental afirmar que as pesquisas sociolinguísticas, sobretudo aquelas voltadas para o âmbito da educação – a sociolinguística educacional em si – atingem, de diferentes maneiras, a formação de docentes de língua portuguesa e consequentemente, o vivo e dinâmico ambiente da sala de aula. E, portanto, a abordagem e o estudo da variação linguística na escola é essencial para a construção de uma educação linguística mais consciente, crítica e ampla. É exatamente nesse contexto teórico-pragmático que esse artigo está inserido.

2 Objetivos

O presente estudo tem como objetivo principal investigar e analisar como a variação linguística é abordada em livros didáticos de língua portuguesa do ensino médio e caso seja, qual abordagem é utilizada. Os títulos selecionados foram utilizados por escolas públicas brasileiras, sendo todos eles aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). válidos para o triênio de 2016 a 2018. Os títulos selecionados para o estudo serão referenciados na parte destinada à metodologia.

Como objetivos específicos deste estudo, destacam-se:

- Apresentar um arcabouço teórico pautado em importantes contribuições da Linguística e da Sociolinguística, contando também com as contribuições da sociolinguística educacional;

- Identificar e analisar os conceitos de variação linguística e outros conceitos correlacionados, apresentados em livros didáticos de português;
- Comparar, dentro das limitações que esse estudo permite, cinco obras didáticas analisadas, por meio de perguntas norteadoras utilizadas para a coleta e análise de dados;
- Apontar e sugerir, em caráter de apontamentos, caminhos possíveis para o ensino de língua portuguesa, que considerem a formação (sócio) linguística do professor de língua portuguesa.

Portanto, a presente pesquisa justifica-se com o intuito de compreender, sob um olhar mais atento e sensível, a problemática que existe em torno do ensino de língua portuguesa no Brasil, considerando a realidade linguística e educacional. Dessa maneira, esse artigo fundamenta-se, conforme será exposto na fundamentação teórica, no casamento de duas grandes áreas do conhecimento: a Sociolinguística e a Educação. Unidas, elas inauguram uma nova vertente da Sociolinguística: a *sociolinguística educacional*, cujo olhar é pedagogicamente mais sensível às questões que envolvem o ensino de língua materna no contexto escolar.

3 Metodologia

O presente estudo utilizou-se de uma metodologia de natureza descritiva-qualitativa, uma vez que buscou analisar e investigar a abordagem e o tratamento dado ao tema da VL em livros didáticos de língua portuguesa para anos do ensino médio.

Os livros consultados e analisados foram indicados pelo *Guia de livros didáticos PNLD 2015 – Língua Portuguesa*, documento publicado pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, autarquia responsável pela execução de políticas educacionais brasileiras promovidas pelo Ministério da Educação (MEC). Os títulos das obras selecionadas como *corpus* desse estudo encontram-se listadas no Quadro 1:

Para estruturar a discussão dos dados coletados nos livros didáticos, buscou-se, num primeiro momento, um roteiro ou um guia de análise que pudesse contribuir na fase da análise dos dados bibliográficos. Bagno (2007), em sua obra *Nada na língua é por acaso*, apresenta um exemplo de roteiro de análise de livros didáticos com dez perguntas centrais, resumidas e sistematizadas no Quadro 2:

Quadro 2 - Roteiro de análise de livros didáticos proposto por Marcos Bagno

1. O livro didático trata da VL?
2. O livro didático menciona de algum modo a pluralidade de línguas existentes no Brasil?
3. O tratamento limita-se às variedades rurais e/ou regionais?
4. O livro didático apresenta variantes características das variedades prestigiadas (falantes urbanos, escolarizados)?
5. O livro didático distingue a norma-padrão da norma culta (variedades prestigiadas) ou continua confundindo a norma-padrão como uma variedade real da língua?
6. O tratamento da VL no livro didático fica limitado aos sotaques e ao léxico, ou também aborda fenômenos gramaticais?
7. O livro didático mostra coerência nos capítulos dedicados à VL e o tratamento dado aos fatos de gramática? Ou continua, nas outras seções, a tratar do “certo” e do “errado”?
8. O livro didático explicita que também existe variação entre fala e escrita, ou apresenta a escrita como homogênea e a fala como lugar do erro?
9. O livro didático aborda o fenômeno da mudança linguística? Como?
10. O livro didático apresenta a VL apenas para dizer que o que vale mesmo é a norma-padrão?

Fonte: Bagno, 2007, p. 125-140.

A partir do roteiro proposto por Bagno (2007) e obviamente, a fim de apresentar um roteiro adequado para o alcance dos objetivos dessa pesquisa, elaborou-se um novo roteiro, composto por seis questões utilizadas na coleta e na análise dados do trabalho e transcrita no Quadro 3.

Quadro 1 - *Corpus* utilizado no estudo

Nome da obra	Autoria	Editora/Ano	Volume utilizado
1. Português: contexto, interlocução e sentido (volume 1)	Maria Luiza Abaurre Maria Bernadete Abaurre Marcela Pontara	Moderna 2013	1º ano do Ensino Médio
2. Novas Palavras (volume 1)	Emília Amaral Mauro Ferreira Ricardo Leite Severino Antônio	FTD 2013	1º ano do Ensino Médio
3. Língua Portuguesa (volume 1)	Roberta Hernandez Via Lima Martin	Positivo 2013	1º ano do Ensino Médio
4. Português: língua e cultura (volume 1)	Carlos Alberto Faraco	Base Editorial 2013	1º ano do Ensino Médio
5. Ser Protagonista - Língua Portuguesa (volume 1)	Rogério de Araújo Ramos	Edições SM 2013	1º ano do Ensino Médio

Fonte: Boaventura, 2015, p. 17.

Quadro 3 - Roteiro utilizado para coleta e análise do corpus

1. Possui capítulo(s) específico(s) para tratar a VL? Em caso afirmativo, quais os principais temas e conceitos abordados no(s) capítulo(s)?
2. Que tipos de VL são abordados?
3. Faz distinção entre norma culta e norma-padrão?
4. Trata a VL como fenômeno inerente às línguas?
5. Menciona/aborda os seguintes conceitos correlatos? a) Preconceito linguístico; b) Mudança linguística; c) Adequação/inadequação linguística; d) Competência comunicativa/linguística.
6. Que tipos de gêneros textuais são usados para explorar a temática na seção destinada aos exercícios?

Fonte: Boaventura, 2015, p. 17.

4 Fundamentação Teórica

Com o intuito de compor o arcabouço teórico do presente estudo, revisitamos, em primeira instância, alguns documentos oficiais de cunho educacional voltados para o ensino de língua portuguesa, especificamente para a etapa do ensino médio, sendo eles: os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (2000), as Diretrizes Nacionais Curriculares para o Ensino Médio e a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2018).

Apresentaremos também as contribuições da linguística moderna de Saussure, os estudos de Dell Hymes, as inovações sociolinguísticas de William Labov para então chegarmos aos pressupostos da sociolinguística educacional, protagonizada no Brasil, em grande parte, por Stella Bortoni-Ricardo. Nesse sentido, pretende-se trilhar um caminho teórico que promova um percurso dinâmico e gradual para se compreender a importância dos estudos e teorias sócio(linguísticas) na discussão da temática proposta neste trabalho.

4.1 O que dizem os documentos educacionais sobre o ensino de língua portuguesa?

Inicialmente, voltamos o nosso olhar para os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) para a etapa do Ensino Médio, publicados em 2000. Como este artigo pretende investigar o tratamento da VL em livros didáticos de língua portuguesa, revisitamos a parte II dos PCNs, intitulada *Linguagens, Códigos e suas tecnologias*, na qual se encontra o componente curricular de português. O documento em questão faz um apontamento sobre a importância de o estudante respeitar as diversas manifestações da linguagem:

As linguagens, por suas características formativas, informativas e comunicativas, apresentam-se como instrumentos valiosos para se alcançar esses fins.

Na escola, o aluno deve compreender a relação entre, nas e pelas linguagens, como um meio de preservação da identidade de grupos sociais menos institucionalizados, como um meio de preservação da identidade de grupos sociais menos institucionalizados [...]. Ao mesmo tempo que o aluno conhece as várias manifestações, como produto de diferentes esferas sociais, deve aprender a respeitar as linguagens. Em lugar de criar fossos entre as manifestações, esta proposta indica a criação de elos entre elas (Brasil, 2000, p. 9).

Partindo para as *Diretrizes Nacionais Curriculares para o Ensino Médio*, tendo sua última versão modificada e publicada em 2018, o referido documento, ao citar propostas curriculares a respeito do ensino médio brasileiro, menciona a língua portuguesa como meio de instrução e de acesso a direitos civis, conforme destacado na citação abaixo:

Art. 8º As propostas curriculares do ensino médio devem:

[...] II - garantir ações que promovam:

- a) a integração curricular como estratégia de organização do currículo em áreas do conhecimento que dialogue com todos os elementos previstos na proposta pedagógica na perspectiva da formação integral do estudante;
- b) cultura e linguagens digitais, pensamento computacional, a compreensão do significado da ciência, das letras e das artes, das tecnologias da informação, da matemática, bem como a possibilidade de protagonismo dos estudantes para a autoria e produção de inovação;
- c) o processo histórico de transformação da sociedade e da cultura;
- d) a língua portuguesa como instrumento de comunicação, acesso ao conhecimento e exercício da cidadania; [...]** (Brasil, 2018, p. 5) (grifos nossos).

Esse direcionamento das DCNs permite dialogar com a ideia já apresentada na introdução do estudo de que o acesso à norma-padrão permite, em maior ou menor grau, o exercício da cidadania e o acesso ao mundo letrado, uma vez que o domínio da variante prestigiada o faz um usuário competente em sua língua materna, o que conseqüentemente, impacta no acesso e no consumo de bens culturais e exercício dos direitos civis. De acordo com Cyranka e Pernambuco (2008):

Numa sociedade em que o acesso aos bens culturais exige o domínio de uma só variedade linguística, a da classe dominante, a língua deixa de ser apenas instrumento de interação e ação sobre a realidade para ser também um instrumento de exclusão social (Cyranka; Pernambuco, 2008, p. 23).

Posteriormente à primeira publicação das DCNs, o Brasil, após um período de discussões entre órgãos educacionais e consultas públicas com a sociedade civil, publicou a Base Nacional Comum Curricular, documento já previsto no artigo 26 da Lei de Diretrizes e Bases (Lei nº 9394/1996) – lei

que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional no País:

Art. 26. Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio **devem ter base nacional comum**, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos (Brasil, 1996) (grifos nossos).

A BNCC (2018), no capítulo *Língua Portuguesa no Ensino Médio – campos de atuação social, competências específicas e habilidades* aponta para a relevância de se considerar os fenômenos da mudança e da variação linguística no contexto da sala de aula, considerando-os realidades intrínsecas às línguas naturais:

Cabem também reflexões sobre os fenômenos da mudança linguística e da variação linguística, inerentes a qualquer sistema linguístico, e que podem ser observados em quaisquer níveis de análise. Em especial, as variedades linguísticas devem ser objeto de reflexão e o valor social atribuído às variedades de prestígio e às variedades estigmatizadas, que está relacionado a preconceitos sociais, deve ser tematizado (Brasil, 2018, p. 81).

É válido ressaltar que esse três documentos norteadores para o ensino de língua portuguesa, apesar de terem sido escritos e publicados em contextos distintos, tornam-se complementares, conforme Boaventura e Ferreira (2023, p. 222) apontam, ao comentar a existência da BNCC e dos currículos escolares estaduais, reforçando a importância de ambos: “[...] a BNCC não substitui os currículos preexistentes, mas dialoga com eles e torna-se um base referencial que deve ser revisitada sempre que necessário.”

4.2 Contribuições (sócio)linguísticas

Em uma entrevista concedida e gravada pelo Centro de Estudos em Educação e Linguagem da Universidade Federal de Pernambuco, Luiz Antônio Marcuschi (2011) afirma sobre as diferenças entre a fala e a escrita de uma língua:

Tanto a oralidade quanto a escrita são fundamentais, são duas maneiras de as pessoas organizarem seus discursos, praticarem as suas interações no dia a dia, sem que uma seja mais importante do que a outra. Cada uma tem o seu lugar, são práticas discursivas que não concorrem, não competem, mas são complementares e são utilizadas harmonicamente no dia a dia (Marcuschi, 2011, n.p).

O linguista, ao afirmar isso, deixa claro que, na realidade, língua escrita e língua falada são duas modalidades de uma mesma língua, e que não há uma supremacia da escrita sob a fala, como comumente se pensa. Nesse sentido,

essa a afirmação de Marcuschi (2011) corrobora com a ideia de que a oralidade – trazida pelos estudantes para a sala de aula – é tão importante quanto a escrita. Portanto, é fundamental, antes de mais nada, que o professor tenha essa consciência linguística, uma vez que uma dimensão complementar sob a língua é essencial para promover uma educação linguística que não despreza os dialetos e a cultura oral levada pelos alunos para dentro da sala de aula.

Outra importante contribuição linguística nasceu com os estudos de Dell Hymes, sociolinguista norte-americano, que trouxe o conceito de *competência comunicativa* (em contraposição ao conceito proposto por Chomsky de competência linguística). Para Hymes, essa competência vai além das regras da formação de sentença, pois, também se relaciona com normas sociais e culturais que circunscrevem o contexto de fala. Assim, o falante comunicativamente competente seria aquele que adequa seu discurso conforme o contexto pragmático da fala.

Dando continuidade à fundamentação teórica deste estudo, recorremos às contribuições do sociolinguista William Labov, importante nome dos estudos da sociolinguística variacionista (Labov contribui substancialmente com os estudos quantitativos da sociolinguística, que a sociolinguística variacionista também é conhecida como sociolinguística laboviana). Essencialmente, a Sociolinguística nasce da relação existente entre língua e sociedade, visto que fatores extralinguísticos influenciam os comportamentos linguísticos de cada falante. Labov (2007, p. 2), em uma entrevista concedida à Revista Virtual de Estudos da Linguagem, em agosto de 2007, afirma: “É a língua, o instrumento que as pessoas usam para se comunicar com os outros na vida cotidiana. Esse é o objeto que é o alvo do trabalho em Variação Linguística.”

Desta maneira, a partir dos estudos variacionistas de Labov, a sociolinguística se desenvolve como área da linguística que tem um olhar especial para a influência da sociedade nas línguas. Nas palavras de Cesario e Votre (2008, p. 141): “A sociolinguística é uma área que estuda a língua em seu uso real, levando em consideração as relações entre a estrutura linguística com os aspectos sociais e culturais da produção linguística.” Assim, os estudos sociolinguísticos preocupam-se constantemente com a relação e a influência dos fatores extralinguísticos na língua e como isso motiva o fenômeno da VL, transversal às línguas naturais. Polli da Silva (2009) assim define o objeto de estudo da sociolinguística:

Para a sociolinguística, é exatamente este o objeto de estudo: a variação, princípio geral e universal. As variedades, então, são as representações possíveis da língua (todas elas, sem exceção) e apresentam diferenças originadas de acordo com a região, o sexo, a idade, a condição social e cultural, a evolução histórica da língua, etc (Silva, 2009, p. 20).

Já no Brasil, Stella Maris Bortoni-Ricardo (2005) foi um importante nome na linguística brasileira, uma vez que

ela foi uma das pioneiras dos estudos sociolinguísticos, sobretudo os da vertente educacional. Segundo a linguista, o falante precisa adequar sua linguagem conforme os diversos contextos e circunstâncias linguísticas – o que denomina *adequação linguística* –, dialogando com o conceito de competência comunicativa proposto por Hymes:

Do ponto de vista da sociolinguística educacional, para operar de uma maneira aceitável, um membro de uma comunidade de fala tem de aprender o que dizer e como dizê-lo apropriadamente, a qualquer interlocutor e em quaisquer circunstâncias. Essa capacidade pessoal, que inclui tanto o conhecimento tácito de um código comum, como a habilidade de usá-lo, foi denominada competência comunicativa (Bortoni-Ricardo, 2005, p. 62)

4.3 O olhar da pedagogia culturalmente sensível

A partir das teorias e contribuições sociolinguísticas supracitadas, um importante questionamento surge nesse estudo: como efetivamente o professor de língua materna – a língua portuguesa, no caso – pode efetivamente propor mudanças no ensino de língua no contexto escolar? Qual o olhar e a postura que esse docente poderia assumir para acolher e abarcar a realidade heterogênea de uma sala de aula, sobretudo de regiões ou realidades desprestigiadas ou periféricas? A fim de complementar o arcabouço teórico desse estudo, é mister apresentar o conceito da *culturally responsive pedagogy*, termo proposto por Frederick Erickson (1987) e traduzido por Bortoni-Ricardo e Dettoni como *pedagogia culturalmente sensível*.

Nas palavras de Erickson (1987), a pedagogia culturalmente sensível é definida como:

[...] um tipo de esforço especial empreendido pela escola capaz de reduzir a dificuldade de comunicação entre professores e alunos, desenvolver a confiança e prevenir a gênese de conflitos que rapidamente ultrapassam a dificuldade comunicativa, transformando-se em amargas lutas de identidade negativa entre alguns alunos e seus professores (Erickson, 1987, p. 355 *apud* Bortoni-Ricardo; Dettoni, 2001, p. 81).

Assim, a pedagogia culturalmente sensível “[...] está atenta às diferenças entre a cultura que eles representam e a da escola e mostra ao professor como encontrar formas efetivas de conscientizar os educandos sobre essas diferenças.” (Bortoni-Ricardo; 2009, p. 37-38). Nesse sentido, este conceito representa uma postura sensível e sensata, por parte do professor de língua materna, diante da bagagem cultural e linguística trazida pelos estudantes, sem diferenciá-los por conta disso e muito menos negligenciar o acesso e o domínio à variante padrão como instrumento de acesso à cultura letrada e ao exercício da cidadania. Bortoni-Ricardo e Dettoni (2001) pontuam como a escola deve, de diferentes formas, assumir tal postura:

[...] A escola precisa tornar-se culturalmente sensível para lidar competentemente com a variação linguística e cultural de nossas crianças. As formas de implementação da pedagogia culturalmente sensível são múltiplas: aproveitar as experiências e vivências que as crianças trazem consigo, reproduzindo padrões interacionais que lhes são familiares, respeitar-lhes as peculiaridades; desenvolver recursos que façam a distinção entre eventos de oralidade e de letramento; implementar estratégias de envolvimento, permitindo que a criança fale, ratificando-a como falante legítima; acolher suas sugestões e tópicos; incentivá-la a manifestar-se, fornecendo-lhe modelos de estilos monitorados da língua e mostrando-lhe como, quando e por que usar esses estilos. Enfim, a escola tem de aceitar a diversidade e torná-la funcional (Bortoni-Ricardo; Dettoni, 2001, p. 102).

5 Coleta e análise dos dados

Conforme apresentado na metodologia, essa pesquisa investiga e analisa o tratamento dado à VL, e para tanto, utilizou-se de pesquisa descritiva, de natureza qualitativa, com dados bibliográficos coletados em livros didáticos, onde se encontrou o corpus da pesquisa.

A partir do roteiro de perguntas já apresentado para a coleta de dados, foram compostos cinco quadros, um para cada livro selecionado. Cada um desses quadros é composto pelas seis perguntas gerais propostas no roteiro, e as respostas estão construídas a partir das informações coletadas na pesquisa. Dessa maneira, os dados são apresentados e discutidos no mesmo momento.

Nas páginas que se seguem, estão disponíveis os Quadros de 4 a 8 com os dados coletados e também analisados a partir do roteiro definido nos procedimentos metodológicos do estudo.

6 Apontamentos para o ensino de língua portuguesa na escola

Muitos falantes nativos do português brasileiro acreditam que a língua portuguesa ainda está envolta de diversos mitos, como por exemplo “*O português é uma língua muito difícil*” ou “*Eu não sei português*” e tantos outros que permeiam o coletivo de falantes brasileiros. Sendo assim, a escola, sobretudo o professor de língua portuguesa, depara-se, muitas vezes, com estudantes que muitas vezes não se sentem confiantes e muito menos proficientes na própria língua materna. Nesse sentido, o docente precisa, ao longo de seu trabalho pedagógico, desmistificar o ensino da língua portuguesa, mostrando, inclusive, que todos os falantes nativos possuem uma gramática internalizada, e a partir disso, explorar os conhecimentos linguísticos que sustentam o funcionamento das línguas naturais.

Nesse sentido, caberia, entre outras questões, apresentar uma metodologia pedagógica de estudo e análise de uma gramática contextualizada, viva e dinâmica

aos gêneros textuais no sentido de mostrar que estudar gramática não precisa (e não é) inútil ou entediante. Para isso, com caráter propositivo, registra-se alguns caminhos ou práticas, por parte do professor de português, que podem contribuir para tais mudanças no ensino de língua, com as devidas adaptações e ponderações a cada ano escolar, quando for o caso. São elas:

- Apresentar uma metodologia pedagógica de estudo e análise de uma gramática contextualizada, viva e dinâmica, relacionada a diversos gêneros textuais;
- Apresentar e explorar os conceitos da *heterogeneidade linguística* e de *variação linguística*;
- Valorizar o vernáculo trazido pelos estudantes, sem deixar de permitir o acesso e o domínio da norma-padrão da língua;
- Ampliar o repertório linguístico dos alunos no campo lexical, discursivo e textual (por exemplo, por meio de sequências didáticas voltadas para o desenvolvimento da oralidade e escrita da língua);

- Proporcionar, aos estudantes, o conhecimento histórico e etimológico da língua no contexto da sala de aula;
- Desmistificar o ensino de língua portuguesa nas escolas a fim de explicar que a língua não equivale à gramática, criando uma relação de maior proximidade do falante – estudante – com sua língua nativa.

Em suma, constata-se a real necessidade de uma formação crítica e linguisticamente bem formada dos docentes de língua – sejam os que ainda estão em formação universitária seja os que já estão atuando dentro das salas de aulas. Torna-se, cada vez mais, importante, refletir sobre o papel da escola no que tange ao ensino de língua materna bem como discorrer sobre a educação linguística dos estudantes, para se promover um ensino de língua materna que busque, efetivamente, o desenvolvimento do letramento e das habilidades linguísticas dos discentes, a fim de permitir-lhes, por meio da linguagem, o acesso à cultura letrada. Trata-se, portanto, de um assunto que fomenta ainda muitos outros estudos e pesquisas que busquem investigar e responder a essas demandas da realidade brasileira e escolar.

Quadro 4 - Livro *Português: contexto, interlocução e sentido*

1. Possui capítulo(s) específico(s) para tratar a temática da VL? Em caso afirmativo, quais os principais temas e conceitos abordados no(s) capítulo(s)?	O livro traz o capítulo 12 intitulado ' <i>Linguagem e variação linguística</i> ' no qual aborda as noções de <i>língua e linguagem</i> , <i>signo linguístico</i> , <i>variedades linguísticas</i> , <i>variação e norma</i> , <i>normas urbanas de prestígio</i> , <i>preconceito linguístico</i> , <i>gírias</i> , <i>variedades regionais</i> , <i>sociais e estilísticas</i> . Finaliza o capítulo com o conceito de <i>mudança linguística</i> .
2. Que tipos de VL são abordados?	O livro trata das variedades regionais e sociais (diatópicas e diastráticas, respectivamente) e depois aborda as variedades estilísticas (diafásicas).
3. Faz distinção entre norma culta e norma-padrão?	As autoras não tratam sobre a diferença conceitual entre norma-padrão e culta.
4. Trata a VL como fenômeno inerente às línguas?	Na seção ' <i>Variação e Norma</i> ', as autoras afirmam: " <i>A variação linguística é natural e decorre do fato de que as línguas são sistemas dinâmicos e extremamente sensíveis a fatores como a região geográfica, o sexo, a idade, a classe social dos falantes e o grau de formalidade do contexto</i> " (Abaurre, Abaurre, Pontaria, 2013, p. 161).
5. Menciona/aborda os seguintes conceitos correlatos? a) Preconceito linguístico; b) Mudança linguística; c) Adequação/inadequação linguística; d) Competência comunicativa/linguística.	Conceitua, de forma breve, a noção de preconceito linguístico da seguinte forma: " <i>Preconceito linguístico é o julgamento negativo que é feito dos falantes em função da variedade que utilizam</i> " (p. 161). Em um quadro adicional, as autoras chamam a atenção para piadas e comentários sobre os falares e sotaques das variedades regionais brasileiras. Além disso, em outra seção, a obra associa a VL com o fenômeno da mudança linguística, explicando que toda língua possui formas distintas em épocas distintas da história da língua. Relaciona a mudança linguística com os gêneros textuais, que manifestam as diferenças da língua quanto às escolhas temáticas quanto à escolha de vocábulos e organização de ideias no texto.
6. Que tipos de gêneros textuais são usados para explorar a temática na seção destinada aos exercícios?	A primeira questão proposta explora os conceitos de signo, significado e significante a partir de uma campanha publicitária. O exercício seguinte é baseado em uma tira de humor, no qual se discute a noção de 'norma' e 'erro'. Na atividade seguinte, novamente uma tira humorística que se relaciona com a noção de adequação linguística do discurso. A terceira discussão proposta no capítulo é construída a partir de um anúncio publicitário, e gira em torno de grau de formalidade e gêneros discursivos, com a devida adequação da língua para o alcance do público alvo. As questões de 4 a 6 são norteadas por um trecho de uma revista, que traz a questão das gírias. As duas últimas perguntas são baseadas em uma tira de humor que traz à tona o tema das variedades sociais, ressaltando o contraste entre as variedades rurais e as normas urbanas de prestígio.

Quadro 5 - Livro *Novas Palavras*

1. Possui capítulo(s) específico(s) para tratar a temática da VL? Em caso afirmativo, quais os principais temas e conceitos abordados no(s) capítulo(s)?	A unidade de Gramática do livro inicia-se com dois capítulos destinados à VL: “Gramática, gramáticas” (capítulo 1) e “Noções de variações linguísticas” (capítulo 2). Como objetos principais do capítulo, destacam-se: conscientização da gramática internalizada e gramática normativa (e seu papel no âmbito social); consciência da legitimidade das variedades estigmatizadas e importância da adequação linguística; diferenciação dos tipos de variação; origens da língua portuguesa.
2. Que tipos de VL são abordados?	Os autores pontuam quatro tipos de VL: <i>sociocultural, situacional, histórica e geográfica</i>, explicadas separadamente.
3. Faz distinção entre norma culta e norma-padrão?	Não explicita a diferença existente entre <i>norma culta</i> e <i>norma-padrão</i>, distingue apenas a <i>variedade padrão</i> da <i>não-padrão</i>.
4. Trata a VL como fenômeno inerente às línguas?	Não ressalta o caráter inerente da VL nas línguas.
5. Menciona/aborda os seguintes conceitos correlatos? a) Preconceito linguístico; b) Mudança linguística; c) Adequação/inadequação linguística; d) Competência comunicativa/linguística.	Aborda os conceitos de <i>adequação e inadequação linguística</i>. Sobre o preconceito linguístico, os autores não chegam a defini-lo, mas o abordam em um trecho de uma entrevista de Célia Apud (“Vale observar que o preconceito ao homem e à mulher do campo, até agora em vigência, traz também embutido o desprezo (...) ao trabalho braçal” (p. 164). Sobre a adequação linguística, os autores escrevem: “Quando uma pessoa se comunica com outra (s), para que esse ato se realize com eficiência, é necessário que ela seja capaz de fazer a adequação da linguagem à situação de comunicação” (Amaral, 2013, p. 168).
6. Que tipos de gêneros textuais são usados para explorar a temática na seção destinada aos exercícios?	Capítulo 1. A 1ª atividade baseia-se em uma tira de humor que explora a distinção entre a modalidade escrita e falada da língua; a 2ª é construída a partir da fala de um operário, na qual fica explícito a variação regional/geográfica e o uso da norma padrão; a 3ª questão refere-se ao poema <i>Aula de Português</i> de Drummond, que explora as variedades popular e padrão do LP. No 4º exercício, são transcritos trechos de duas gramáticas: um que prega a rigidez gramatical e o outro que defende a adequação da língua ao padrão brasileiro. Por fim, para tratar de adequação linguística, o exercício apresenta diversos contextos discursivos e para cada um deles, pelo menos dois textos que possuem o mesmo teor. Pede-se ao aluno que selecione o trecho que melhor se adequa à situação comunicativa. Capítulo 2. O 1º exercício explora as noções de língua e idioma, língua popular e variedades linguísticas; a 2ª atividade traz vários trechos para que o aluno identifique o tipo de variação linguística predominante. Para explorar a variação histórica, apresenta-se o poema <i>Antigamente</i> de Drummond e por fim, para tratar a inserção de termos estrangeiros na LP, utiliza-se um poema de Noel Rosa e um trecho de Veríssimo da obra <i>A versão dos afogados</i>.

Fonte: Boaventura, 2015.

Quadro 6 - Livro *Língua Portuguesa*

1. Possui capítulo(s) específico(s) para tratar a temática da VL? Em caso afirmativo, quais os principais temas e conceitos abordados no(s) capítulo(s)?	O livro apresenta o capítulo 11 (<i>Variação Linguística</i>) destinado especificamente para a temática da VL. Nele, são exploradas as variedades linguísticas (fonético-fonológico, morfológico, sintático, semântico, lexical). As autoras inserem o conceito de competência comunicativa, além de mostrarem o contraste entre a visão dos linguistas e gramáticos em relação à língua e suas variantes. Há uma abordagem sobre gírias e jargões, formas de construção de identidade. Além disso, trata-se do preconceito linguístico sob a perspectiva sociolinguística, com citações de Bagno e Bortoni.
2. Que tipos de VL são abordados?	No capítulo analisado não foi encontrado uma diferenciação explícita dos tipos de VL.
3. Faz distinção entre norma culta e norma-padrão?	As autoras não aprofundam sobre tal distinção, mas traça uma discussão acerca das variedades urbanas de prestígio, apresentando a importância de dominar essa variedade da língua, porém sem repreender as demais: “(...) <i>são as mais valorizadas socialmente, por isso é importante que os falantes a dominem, (...). Auxiliar no domínio dessa variedade é tarefa da escola, mas isso não deve se constituir como um fator de segregação e de preconceito linguístico</i>” (Hernandes; Martin, 2013, p. 165).
4. Trata a VL como fenômeno inerente às línguas?	No início da discussão do capítulo, as autoras afirmam: “<i>A variação linguística é um fenômeno próprio das línguas, inerente a elas. Por isso, não é possível dizermos que uma forma variante seja mais ou menos correta que outra</i>” (Hernandes; Martin, 2013, p. 162).
5. Menciona/aborda os seguintes conceitos correlatos? a) Preconceito linguístico; b) Mudança linguística; c) Adequação/inadequação linguística; d) Competência comunicativa/linguística.	O conceito de <i>competência comunicativa</i> é assim definido: “<i>A competência comunicativa é, portanto, a capacidade de saber adequar o uso linguístico às necessidades impostas pela situação de comunicação. O conceito de competência comunicativa está relacionado ao conceito de monitoramento linguístico</i>” (Hernandes; Martin, 2013, p. 163).
6. Que tipos de gêneros textuais são usados para explorar a temática na seção destinada aos exercícios?	No primeiro exercício proposto, tem o poema <i>Vaca Estrela e Boi Fubá</i> de Patativa do Assaré, no qual a variedade regional fica evidenciada, além das marcas de oralidade. Em seguida, propõe questionamentos sobre uso de formas variantes, a partir de um trecho de Ricardo Lima. Para tratar do uso de gírias, reproduziu-se um texto jornalístico publicado em um portal na internet. Um trecho da obra <i>Vidas Secas</i> de Graciliano Ramos foi apresentado para abordar as marcas regionais e coloniais. Para tratar da conceituação de língua, apresentou-se um trecho da <i>Nova Gramática do Português Contemporâneo</i> de Celso e Cunha. Três questões do Enem foram reproduzidas: a primeira, sobre os usos linguísticos não consagrados pela gramática tradicional; a segunda explora a variação lexical a partir da variedade de nomes para ‘mandioca’ e por fim, a última questão trabalha com a questão da rejeição das variedades rurais por parte de falantes urbanos.

Fonte: Boaventura, 2015.

Quadro 7 - Livro *Português: Língua e Cultura*

1. Possui capítulo(s) específico(s) para tratar a temática da VL? Em caso afirmativo, quais os principais temas e conceitos abordados no(s) capítulo(s)?	O livro destina o capítulo 10 (<i>A variação linguística</i>) com os seguintes tópicos: 'A língua é um conjunto de variedades', 'A variação geográfica', 'A variação situacional' e 'A variação contextual' e a seção destinada às <i>Atividades</i> . O objeto principal do capítulo é tratar dos conceitos relacionados à VL de maneira que o aluno tome consciência de que a língua é um sistema complexo e diverso, e de que todas as variedades linguísticas são legítimas.
2. Que tipos de VL são abordados?	São abordados três tipos de variação: geográfica, social e contextual. De maneira geral, traz uma abordagem teórica pormenorizada de cada uma delas, porém não utiliza gêneros textuais diversos, como a maioria dos demais livros didáticos. A teorização sobre o assunto é feita de forma densa.
3. Faz distinção entre norma culta e norma-padrão?	O autor discute como a língua padrão funciona como fator de exclusão social, porém atribui à língua padrão as denominações de <i>norma culta</i> e <i>norma padrão</i> , colocando-as como sinônimos.
4. Trata a VL como fenômeno inerente às línguas?	Sobre o caráter de variabilidade das línguas, o autor afirma: "nenhuma delas é uniforme, homogênea; todas conhecem variação na pronúncia, no vocabulário e na estruturação gramatical; todas se materializam como um conjunto de variedades geográficas, sociais e contextuais" (Faraco, 2013, p. 158).
5. Menciona/aborda os seguintes conceitos correlatos? a) Preconceito linguístico; b) Mudança linguística; c) Adequação/inadequação linguística; d) Competência comunicativa/linguística.	Alerta para a necessidade de combater-se o <i>preconceito linguístico</i> , assim definido: "(...) discriminação motivada pelo fato de o outro falar diferente está pelo nosso país, mas dele temos ainda pouca consciência, o que contribui para aumentar os seus efeitos nocivos" (Faraco, 2013, p. 160).
6. Que tipos de gêneros textuais são usados para explorar a temática na seção destinada aos exercícios?	De uma maneira geral, a primeira parte da seção de <i>Atividades</i> constitui-se de várias sugestões pedagógicas para o professor trabalhar a temática em sala de aula. A primeira atividade proposta baseia-se em uma entrevista gravada com um operário na década de 1980, que explicita a variedade popular da LP, como no seguinte trecho: " <i>Bom, mais nós tava saindo ... aí nós vamos pru relógio...</i> " (p. 169). Pede-se ao estudante que reescreva o trecho transformando-o em um texto efetivo, sem as marcas da narrativa oral. O segundo exercício trata-se de uma sugestão à turma para que se busque músicas da cultura <i>hip-hop</i> , a fim de discutir as formas de língua manifestadas por esse estilo musical. O exercício de número 3 sugere que os alunos escutem as músicas de Adoniran Barbosa com o intuito de prestar atenção na variedade de língua utilizada. A partir disso, a turma pode discutir a reação negativa dos críticos em relação às músicas do compositor. A última discussão proposta é construída a partir de um fragmento da obra <i>Por que (não) ensinar gramática na escola</i> de Sírio Possenti, a partir do qual propõe-se, primeiramente, a elaboração de um esquema com principais ideias sobre a VL e em seguida, a produção de um texto com um tópico que mais chamou atenção do estudante. Possui uma seção <i>Verifique seu Conhecimento</i> , que traz oito questões do Enem e vestibulares sobre a temática da VL e a relação de adequação/inadequação linguística.

Fonte: Boaventura, 2015.

Quadro 8 - Livro *Ser Protagonista* - Língua Portuguesa

1. Possui capítulo(s) específico(s) para tratar a temática da VL? Em caso afirmativo, quais os principais temas e conceitos abordados no(s) capítulo(s)?	O livro traz a noção de variabilidade linguística diluída em vários capítulos. Especificamente voltados para a VL, a coleção possui dois capítulos: capítulo 16: <i>‘Linguagens, linguagem verbal e língua’</i> e capítulo 17: <i>‘Uma língua, muitas línguas’</i> . O livro assume como eixos de trabalho a <i>variação linguística</i> , a <i>oralidade</i> , as <i>normas urbanas de prestígio</i> , a <i>distinção entre fala e escrita</i> . O volume analisado destina vários capítulos para o tratamento desses conceitos.
2. Que tipos de VL são abordados?	São tratados quatro tipos de variações: <i>a histórica, a regional, a social e a situacional</i> .
3. Faz distinção entre norma culta e norma-padrão?	Promove a diferenciação entre ambas. A <i>norma padrão</i> é explicada pelo autor nas seguintes palavras: “Na tradição de ensino, os manuais de gramática procuraram descrever esse modelo (vamos chamá-lo de norma padrão) e elevá-lo à categoria de “português correto” (p. 199). A norma culta está contextualizada da seguinte forma: “Hoje há iniciativas de descrição dos usos linguísticos dos falantes considerados cultos. Esses usos corresponderiam à efetiva <i>norma culta</i> (...)” (Ramos, 2013, p. 199).
4. Trata a VL como fenômeno inerente às línguas?	Segundo o autor, “a variação linguística é o fenômeno comum às línguas de apresentar variações em função da época, região, situação de uso e das particularidades dos falantes” (Ramos, 2013, p. 198).
5. Menciona/aborda os seguintes conceitos correlatos? a) Preconceito linguístico; b) Mudança linguística; c) Adequação/inadequação linguística; d) Competência comunicativa/linguística.	Em um quadro adicional, comenta sobre o <i>preconceito linguístico</i> , que para o autor, é uma das principais formas de intolerância que precisa ser combatida: “Ele [preconceito linguístico] é fruto de uma série de mitos linguísticos que se perpetuaram em nossa sociedade, levando as pessoas a acreditar que existem formas superiores, mais corretas ou mais cultivadas de falar” (Ramos, 2013, p. 199).
6. Que tipos de gêneros textuais são usados para explorar a temática na seção destinada aos exercícios?	Capítulo 17. Na primeira seção destinada os exercícios (<i>Prática de linguagem</i>), a primeira atividade baseia-se em uma crônica de anúncios que ressalta a variação histórica. A atividade seguinte propõe ao aluno que identifique os tipos de variações presentes em um trecho do roteiro do filme <i>Cidade de Deus</i> . O terceiro exercício utiliza trecho de uma notícia jornalística para explorar a noção de adequação/inadequação linguística e marcas de informalidade. Na atividade 4, um trecho de uma entrevista com Mia Couto é reproduzido para discutir o mito de que a língua falada em Portugal seria o “verdadeiro português.” Na segunda seção prática (denominada <i>Língua Viva: O falante poliglota em sua própria língua</i>), são propostas questões sobre a crônica <i>Cultura</i> de Luis Fernando Veríssimo. A última questão, construída a partir de um trecho de uma conferência proferida por Bechara, pergunta ao aluno de que forma Veríssimo ilustra a opinião de Bechara sobre o ensino de língua portuguesa no ambiente escolar.

Fonte: Boaventura, 2015.

Considerações Finais

Após a coleta e análise dos dados coletados, são relevantes algumas conclusões sobre o tema desenvolvido na pesquisa e o que os dados analisados podem indicar para outros estudos sociolinguísticos.

Primeiramente, a partir dos cinco títulos didáticos analisados, foi possível constatar que os livros analisados dispõem de, pelo menos, um capítulo voltado à abordagem da VL (todos contemplaram o assunto no 1º ano do ensino médio brasileiro). O que pode ser notado, nesse quesito, é que o tratamento dado à VL e aos temas correlatos varia, em certa medida, de autor para autor, como por exemplo, em alguns livros, há dois capítulos com esse teor, enquanto que, em outros, há um único capítulo.

Outro aspecto importante é a existência de uma confusão de alguns termos relacionados à VL, como *norma-padrão* e *norma culta*, além do próprio conceito de VL e os seus tipos. Ademais, não se percebeu uma preocupação constante em todas as obras em abordar, articuladamente ao tema da VL, os conceitos de *adequação linguística*, *mudança linguística* e *competência comunicativa*. As obras que trataram sobre tais conceitos, o fizeram isoladamente ou pouco articulado, sem mencionar os três conceitos de maneira mais coesa.

Nesse sentido, percebe-se que ainda existem diversas falhas e lacunas nos livros didáticos de língua portuguesa quando o assunto é a VL e outros temas que perpassam os conhecimentos linguísticos, que não puramente gramaticais. Entretanto, é mister pontuar que alguns passos já foram

dados no sentido de os livros didáticos acompanharem as discussões linguísticas – mas especificamente, sociolinguísticas. Caso pudéssemos fazer uma pesquisa de caráter diacrônico – a fim de investigar a abordagem linguística nos livros didáticos em espaço maior de tempo – constataríamos, provavelmente, que o teor da abordagem linguística dos livros didáticos avançou ao longo das décadas, com incorporação de uma visão linguística mais apurada, porém ainda há muito a se conquistar.

De toda maneira, este artigo não tem a pretensão de construir críticas ou comparações negativas em relação aos autores de obras didáticas, mas tem o intuito de contribuir para futuros estudos sociolinguísticos, sobretudo aqueles que se debruçam e se debruçar-se-ão sobre a relação da sociolinguística no ensino de língua materna aplicado ao contexto tão único e rico que configura qualquer sala de aula.

Referências

ABAURRE, M. L. A.; ABAURRE, M. B.; PONTARA, M. **Português: contexto, interlocução e sentido**, volume 1. 2ª ed. São Paulo: Moderna, 2013.

ALMEIDA, V. P. de. Competência comunicativa a abordagem comunicativa: Dell Hymes fragmentado. *Signo*. Santa Cruz do Sul, v. 35 n. 59, p. 44-57, jul./dez. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/1405/1257>. Acesso em: 22 set. 2023.

AMARAL, E; FERREIRA, M.; LEITE, R.; ANTONIO, S. **Novas Palavras**, volume 1. 2ª ed. São Paulo: FTD, 2013.

ANTUNES, I. **Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho**. São Paulo: Parábola, 2009.

ASSIS, A. S. de; LUQUETTI, E. C. F. **O ensino da variação linguística e o livro didático: o processo de ensino-aprendizagem da língua materna na educação básica**. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/11/1367.pdf>. Acesso em: 5 fev. 2023.

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, M. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 2001.

BAGNO, M. **A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira**. São Paulo: Parábola, 2003.

BAGNO, M. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

BOAVENTURA, B. C. V. **Variação linguística no ensino médio: revisitando o livro didático de língua portuguesa**. Trabalho de Conclusão de Curso – Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

BOAVENTURA, B. C. V. **Traços graduais do português brasileiro em textos escolares: um estudo sociolinguístico no ensino fundamental**. 2023. 294 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Universidade de Brasília, Brasília, 2023.

BOAVENTURA, B. C. V; FERREIRA, D. B. C. O ensino de língua portuguesa no Brasil: conquistas e desafios. In: BATISTA-SANTOS, D.; LEITÃO, A. B. **Com a lupa entre o social e o linguístico: um olhar aplicado para o ensino e para a aprendizagem de línguas**. Campinas: Pontes Editores, 2023, p. 217-236.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as leis e diretrizes da educação nacional. Brasília, 1996.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: Ministério da Educação, 2000.

BRASIL. **Guia de livros didáticos - PNLD 2015: língua portuguesa, ensino médio**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2014.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: Ministério da Educação, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução nº 2, de 30 de janeiro de 2012**. Define as Diretrizes Nacionais Curriculares para o Ensino Médio. Brasília: Ministério da Educação, 2012.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2018.

BRASIL. **Orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

BECHARA, E. **Ensino da gramática: opressão, liberdade?** São Paulo: Ática, 2006.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós chegamos na escola, e agora?** Sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Manual de Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.

BORTONI-RICARDO, S. M.; DETTONI, R. V. Diversidades linguísticas e desigualdades sociais: aplicando a pedagogia culturalmente sensível. *In*: COX, Maria Inês Pagliarini; ASSIS-PETERSON, A. A. de (Orgs.). **Cenas de sala de aula**. Campinas: Mercado das Letras, 2001.

CAMARA JUNIOR, M. C. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 2018.

CECILIO, S. R.; MATOS, C. M. A. de Heterogeneidade linguística no ensino de língua portuguesa. **Colóquio de Estudos Linguísticos e Literários**. Programa de Pós-Graduação em Letras. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2009.

CYRANKA, L. F.; PERNAMBUCO, D. L. C. A língua culta na escola: uma interpretação sociolinguística. **Instrumento: Revista de Estudo e Pesquisa em Educação**, v. 10, p. 17-28, jan./dez. 2008.

FARACO, C. A. **Português - língua e cultura**, 1º ano: ensino médio, volume 1. Curitiba: Base Editorial, 2013.

LABOV, W. Tradução de Gabriel de Ávila Othero Socio-linguística: uma entrevista com William Labov. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL**, v. 5, n. 9, 2007.

LYONS, J. **Lingua(gem) e linguística**. (Language and Linguistics). Rio de Janeiro: LTC Editora, 1987.

MARCUSCHI para CEELUFPE. (2011, abr. 6) **Fala e escrita - Parte I** [Arquivo de vídeo]. Disponível em: <http://https://www.youtube.com/watch?v=XOzoVHyiDew>. Acesso em: 10 jan. 2024.

MARTIN, V. L.; HERNANDES, R. **Língua Portuguesa - volume 1**. São Paulo: Positivo, 2013.

RAMOS, R. de A. **Ser Protagonista - Língua Portuguesa 1º ano: ensino médio**, vol. 1, São Paulo: Edições SM, 2013.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. 27ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVA, R. do C. P. da **A sociolinguística e a língua materna**. Curitiba: Ibipex, 2009.